

MARCELO HENRIQUE DIAS E
ÂNGELO ALVES CARRARA (ORGS.)

Um lugar na História:

a capitania e comarca de Ithéus antes do cacau



Um lugar na História:

a capitania e comarca de Ithéus antes do cacau



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Elis Cristina Fiamengue

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourice Salume Lessa

Lourival Pereira Junior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo dos Santos Terra

Ricardo Matos Santana

MARCELO HENRIQUE DIAS E
ÂNGELO ALVES CARRARA (ORGS.)

Um lugar na História:

a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau

Ilhéus - Bahia
2007



Editora da UESC

©2007 by MARCELO HENRIQUE DIAS E
ÂNGELO ALVES CARRARA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

REVISÃO

Maria Luiza Nora
Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L951 Um lugar na história : a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau / Marcelo Henrique Dias e Ângelo Alves Carrara (orgs.). – Ilhéus : Editus, 2007.
322p. : il.
Bibliografia : p. 306-322.

ISBN: 978-85-7455-129-6

1. Ilhéus (BA) – História. 2. Bahia – História - Capitânias hereditárias – 1700-1850. 3. Ilhéus (BA) – Condições sociais- 1700-1850. 4. Ilhéus (BA) – Condições econômicas- 1700-1850. I. Dias, Marcelo Henrique. II. Carrara, Ângelo Alves.

CDD – 981.425

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533



A historiografia de Ilhéus sempre focalizou o século XVI e início do século XVII, no período açucareiro, praticamente nos primeiros tempos da colonização e a partir da segunda metade do século XVIII, quando se iniciou a cacauicultura. Havia um hiato histórico entre o final do primeiro período e o começo do outro. No crepúsculo do século XVI a produção açucareira entrou em franca decadência. As terras do interior da Capitania eram de difícil acesso em consequência da floresta densa, doenças endêmicas e índios bravios que atacavam os colonos em qualquer tentativa que fizessem para interiorizar a produção.

A história da capitania e da comarca de Ilhéus, naquele espaço de tempo, era desconhecida, apenas citada por visitantes, através de informações pessimistas sobre a região e o modo de vida dos seus habitantes. Informações descabidas, pois não se poderia esperar conforto ou opulência neste local, espremido entre o oceano e a floresta Atlântica. Falavam esses cronistas na miséria e fome porque eles, os visitantes, não encontravam aqui os alimentos típicos da Europa. Havia, entretanto, muita caça, peixe em abundância no mar e nos rios, antes mais caudalosos, mariscos, praias repletas de tartarugas e muitas frutas silvestres.

Os poucos documentos encontrados originavam-se de colonos que se queixavam de terríveis e constantes dificuldades, através dos quais buscavam fugir do fisco insaciável.

É exatamente sobre esse período, até então pouco conhecido da história da capitania e comarca de Ilhéus, que

a obra liderada por Marcelo Henrique Dias e Ângelo Alves Carrara trata, trazendo à tona esse tesouro do conhecimento histórico, submerso durante tantos anos.

“Um Lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau” é motivo de regozijo para a comunidade acadêmica e, antes mesmo de sua publicação, os seus textos foram analisados entusiasticamente, em sala de aula, pelos alunos de História Regional e da Bahia e pelos professores da área, em virtude do ineditismo e das novidades descritas. O livro está entre os melhores trabalhos que a produção científica concebeu, até o momento, sobre a Capitania e Comarca de Ilhéus.

Os pesquisadores buscaram a heurística histórica, organizaram e analisaram documentos básicos até então nunca estudados, como o notariado da Vila de São Jorge dos Ilhéus. Extensa bibliografia foi consultada e mapas diversos da época foram minuciosamente atualizados de suas denominações primitivas para a toponímia atual.

A linguagem usada pelos autores fugiu muito da coloquial e primou pela simplicidade dos textos que se tornaram acessíveis e agradáveis, fazendo com que a leitura de cada página seja um convite para a página seguinte.

O livro que agora se publica é mais uma etapa no desenrolar histórico da “Terra do Sem Fim”. Vale a pena ser lido, não somente pela comunidade científica, mas por todos aqueles que se interessam pela história.

Prof. Arléo Barbosa



Apresentação

Este livro é composto por seis textos produzidos pelos coordenadores e bolsistas do projeto de pesquisa denominado “Estruturas econômicas e sociais da capitania de Ilhéus, 1700-1850”, desenvolvido no CEDOC-UESC, em parceria com o Núcleo de História Econômica e Demográfica da UFOP, entre os anos de 2001 e 2004.

O objetivo original era investigar as estruturas sociais e econômicas da Capitania de Ilhéus entre 1700 e 1850 com base num banco de dados constituído a partir da coleta sistematizada das informações contidas especialmente (mas não exclusivamente) nos registros do notariado da vila de Ilhéus. Desde o início, porém, percebemos um hiato entre a dinâmica econômica que as fontes primárias revelavam e as visões correntes na historiografia, as quais apontam um estado crônico de miséria em todo o território da capitania e comarca de Ilhéus entre o final do primeiro século de colonização e o advento da expansão da monocultura cacaueteira na segunda metade do século XIX. Para a equipe de pesquisadores, colocou-se, desde o início, o desafio de desvelar a complexidade do universo agrário que em grande parte ficara escondido sob o pressuposto de se tratar de um lugar isolado, pobre e preterido pelos colonizadores mais capazes economicamente.

Assim, o objetivo original foi ampliado e a riqueza das fontes que passamos a descobrir sugeria uma gama de temas passíveis de um tratamento teórico em sintonia com as problemáticas mais amplas que atualmente despontam na produção historiográfica sobre o Brasil colonial, como a percepção de uma América Portuguesa integrada a um império colonial e não somente a uma Metrópole e os mecanismos de constituição de poder político e econômico que aqui refletiram as práticas comuns do Antigo Regime Português.

O objetivo revisionista já aparece no primeiro texto, no qual Ângelo Carrara aponta a fragilidade dos argumentos mais invocados para justificar a atrofia da economia do açúcar na capitania de Ilhéus, como o da resistência indígena ou o da topografia, que supostamente teria apresentado dificuldades para a navegação. No segundo capítulo, Marcelo Henrique Dias aponta os caminhos alternativos que a economia da Capitania trilhou no período colonial, enfatizando o importante papel que as políticas de Estado tiveram na construção de um perfil agrário de zona de abastecimento interno que caracterizou a capitania/comarca até o século XIX.

O capítulo III traz um estudo de Fernanda Amorim sobre os sentidos das alforrias na vila de Ilhéus no século XVIII, trabalho que resultou de sua monografia de especialização em História Regional (UESC, 2004). Fruto de monografia também, no caso de graduação (UESC, 2003), o estudo de Neila Oliveira da Silva inicia uma discussão sobre a composição de uma elite na Ilhéus setecentista.

No quinto capítulo, abrimos espaço para um tratamento mais específico sobre uma população que se confi-

gurou a mais numerosa na Capitania, qual seja, a dos índios aldeados nas missões jesuíticas. Fechamos o livro com o estudo de Henrique Lyra, o único texto que trata não do período colonial, mas da segunda metade do século XIX, momento em que a então comarca de Ilhéus experimentava a transição entre a policultura de abastecimento interno e a expansão da monocultura do cacau.

É preciso deixar claro que este conjunto de textos pretende apenas marcar o início de um trajeto de pesquisa que ainda tem muito que avançar, até porque todos os pesquisadores envolvidos no projeto, incluindo aqueles que não estão presentes neste primeiro livro, continuam suas pesquisas, seja orientando monografias nas suas atividades docentes, seja desenvolvendo estudos em nível de mestrado e doutorado.

Como o título sugere, o objetivo maior desta publicação é sobretudo reivindicar um “lugar” na história (historiografia) para este lugar - a capitania/comarca de Ilhéus – que mesmo à margem da economia açucareira existiu como um espaço econômico importante no âmbito do sistema colonial e da economia baiana à época do Império.

Os organizadores



Sumário

Fiscalidade e estruturas agrárias: Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, séculos XVI-XVIII

<i>Angelo Alves Carrara</i>	15
Um ponto de partida: a monocultura açucareira na Guanabara	17
Um prontuário de hipóteses	24
Fiscalidade e desenvolvimento econômico	32
Estruturas agrárias e desenvolvimento econômico	39
Pesquisas recentes e perspectivas futuras	45

A capitania de São Jorge dos Ilhéus: economia e administração

<i>Marcelo Henrique Dias</i>	47
Discussão historiográfica	50
Características econômicas da capitania de Ilhéus.....	60
Singularidades de uma capitania hereditária	91
Conclusão	114

Cultivando a liberdade - Alforrias em Ilhéus (1710-1758)

<i>Fernanda Amorim da Silva</i>	117
A vila de São Jorge dos Ilhéus: produção de víveres e escravidão	125
Natureza e fluxo das alforrias.....	133
Elementos da alforria	141
Idade.....	143
Gênero dos alforriados e natureza da alforria	149
Origem e cor dos escravos	153
Laços de compadrio e parentesco	156
Alforrias condicionais.....	162
Os senhores.....	164
Considerações finais.....	166

A elite local na Vila de São Jorge dos Ilhéus, século XVIII

<i>Neila Oliveira da Silva</i>	169
A formação de uma elite no antigo regime português	172
A venalidade de cargos em uma capitania hereditária	175
O fechado círculo do acesso ao crédito	177

A inserção econômica dos aldeamentos jesuíticos na capitania de Ilhéus

<i>Marcelo Henrique Dias</i>	183
O mito da “devastação” da Capitania pelos aimorés	188
A proeminência dos jesuítas	193
A economia dos aldeamentos	204
Conclusão	230

A “crise” de mão-de-obra e a criação de colônias agrícolas na Bahia: 1850 – 1889

<i>Henrique Jorge Buckingham Lyra</i>	233
As colônias formadas por estrangeiros	254
As colônias formadas por nacionais	267
Colônia Nacional do Rio de Contas	268
Colônia Sinimbu	273
Colônia do Salto do Rio Pardo	276
Colônia Nacional Agrícola	278
Colônia Comandatuba	281
Colônia Cachoeira	286
Colônia Jequiçá	298

Bibliografia geral:	306
Fontes publicadas:	318
Documentos de arquivos:	322

Para a equipe de pesquisadores, colocou-se, desde o início, o desafio de desvelar a complexidade do universo agrário, que, em grande parte, ficará escondido sob o pressuposto de se tratar de um lugar isolado, pobre e preterido pelos colonizadores mais capazes economicamente.

